

Terra de charneca erma e de saudade: a construção simbólica do Alentejo português em Florbela Espanca (1894 – 1930)

PRISCILLA FREITAS DE FARIAS*

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida ainda na graduação que se desdobrou recentemente em um projeto de mestrado e, portanto, ainda em processo de amadurecimento. Assim, nessa pesquisa em explanação, pretendemos investigar a construção simbólica do Alentejo - região ao sul de Portugal - na obra de Florbela Espanca - poeta lusitana - como “espaço da saudade”¹. Para isso, tomaremos a obra literária da poeta como um discurso que constrói o Alentejo em suas imagens e suas práticas culturais; procuraremos, então, relacionar o discurso de Florbela acerca do Alentejo aos acontecimentos extratextual, situando-os em uma dada sociedade e em um determinado contexto histórico, procurando não só confrontar o discurso de Florbela com o discurso tradicionalista que se intensificou a partir do Golpe Militar em 1926, mas, sobretudo, cruzar suas experiências afetivas, atentando para as objetivações que atravessam os mais profundos sentimentos de Florbela Espanca para com a região.

Assim, pretendemos fazer uma interpretação histórica acerca da experiência saudosista de Florbela Espanca e investigar os sentidos humanos e todo seu aparelho perceptual utilizado por Florbela em sua obra que determinaram a maneira de perceber e construir o Alentejo como “espaço da saudade”. Propomos, portanto, investigar/problematizar quais são as imagens que Florbela constrói do Alentejo? De que maneira esta espacialidade é resignificada e reinventada na sua obra? Quais foram às condições históricas e subjetivas que permitiram que Florbela significasse uma dada maneira do Alentejo? Como suas produções fabricam o Alentejo como “espaço da saudade”?

Para investigarmos a dimensão simbólica do Alentejo na obra literária de Florbela Espanca, tomaremos como referência o filósofo francês, Gaston Bachelard (BACHELARD, 2008), que reflete sobre o espaço para além de sua materialidade. No seu livro *A poética do espaço*, Bachelard refletiu sobre a dimensão imagética dos espaços, fazendo uma discussão acerca da “essencial novidade psíquica do poema” (BACHELARD, 2008: 341), estabelecendo uma

*Mestranda na Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

¹ Chamamos de “espaço da saudade” uma espacialidade construída narrativamente sob o signo da saudade. Trata-se de um espaço que se constitui como “lugar de memória” que evoca a lembrança. Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste: e outras artes*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

relação entre filosofia, poesia e imaginação como marco para a expressão ontológica e experiencial de um sujeito que poetiza.

Destarte, Bachelard põe em pauta a dimensão imagética dos espaços, mostrando como estes são, essencialmente, da ordem simbólica, carregados de sentidos e valores. Na materialidade dos espaços se enraízam fantasias, fabulações e aspirações, em suma, toda uma dimensão simbólica que permeia a experiência dos indivíduos com os espaços, ele parte do pressuposto de que a fenomenologia estuda a imagem a partir da consciência individual. A linguagem literária é quase uma linguagem dos sonhos, são percursos que anunciam a presença de forças que estão para além do visível, aquém do invisível, bem distantes de qualquer interpretação formada. Desse modo, o autor propõe trabalhar não um espaço racionalizado e prático, mas sim um espaço poético, cheio de valores e imagens, fruto de devaneios e sonhos. Com isso, podemos pensar que os significados dos espaços vão para além de sua função prática. Assim, a partir da referência da dimensão imagética dos espaços sugerido por Bachelard, propomos pensarmos que as relações e/ou as experiências de Florbela com o Alentejo vão para além de uma funcionalidade, a região portuguesa ganha uma relevância simbólica fundamental, a qual vai mediar seus discursos e práticas cotidianas.

Nesse sentido, trataremos as obras de Florbela Espanca segundo as recomendações do escritor Maurice Blanchot (BLANCHOT, 2002), que de forma inovadora criou o conceito do Fora buscando compreender como se constitui a própria realidade literária. O conceito desconstrói a ideia de que a literatura é um meio de chegar à significação de um mundo, ele propõe que a palavra literária funda sua própria realidade, isto é, cria outro mundo do mundo. A ideia é que Florbela cria suas próprias ideias, desprendendo-se da relação de designação e representação das coisas, assim, ela cria novos processos de significação, novos mundos de significados, que difere daqueles ditados pelas tradições, pelo senso comum, pelas verdades e pelas ciências; suas percepções se libertam e inventa universos distintos aos conhecidos, as ficções podem gerar significações muito mais significativas do que as próprias representações tal qual sempre as conhecemos.

Nesse sentido, tomando como referência metodologia Blanchot, apropriaremos do conceito do Fora no sentido que nada está anunciado, que nada está prescrito; não há representações prontas, acabadas e cristalizadas, sempre há um do Fora da linguagem, sempre

há um por vir que é tomado por assalto na imaginação da poeta de acordo com os sentimentos e subjetividades para com o Alentejo. Tomaremos o espaço da literatura como sonhos, fabulações e aspirações, como uma dimensão simbólica que medeia à experiência de Florbela e a literatura.

Florbela d'Alma da Conceição Lobo Espanca, nasceu e cresceu entre os horizontes abertos da região alentejana central - sul de Portugal -, cercada por generosas sombras de árvores de olivais; região adornada por pomares, vinhedos e laranjais, onde o ritmo de vida é semelhante aos cantos indolentes da região. Florbela cresceu em contato com os tradicionais artesanatos têxteis, com as festas populares e a saborosa culinária alentejana, mas, por outro lado, viveu um contexto de grandes dificuldades políticas e econômicas que alastrava em todo país, assinalada pelo medo, miséria e abandono. Florbela foi testemunha das situações mais dramáticas da região, ela viu a pobreza, a fome, a sede e a dor, sem falar que presenciou um dos maiores movimentos de massa emigratória no início do século XX. O imaginário de tristeza, de amargura, de marginalização e de esquecimento que se instalou nessa paisagem agredida, impregnou o espaço alentejano de significado, empurrando Florbela a tomar uma dada posição em relação àquela realidade lúgubre, características estas que marcaram de modo muito peculiar sua subjetividade.

Na primeira metade do século XX, a Europa foi palco de uma reconfiguração de poder, rostitou-se diversos regimes autoritários que emergiram paralelamente ao período entre as duas “Grandes Guerras”, representados por tirânicos como Mussolini, Franco, Hitler e Stalin. Para alguns países, a Primeira Guerra Mundial significou uma profunda ruptura para com o passado, entretanto, para outros, permaneceram vários elementos de continuidade, como foi o caso de Portugal que permaneceu ancorado a um passado legitimador de sua identidade. No entanto, Portugal não ficou apático à disposição ditatorial que se espalhava por toda a Europa, surgiram vários movimentos políticos de tonalidade autoritária, como foi o caso do integralismo português, findando, posteriormente, no golpe militar de 1926.

Em um contexto de permanente conciliação entre o novo e o antigo, de uma incansável busca por uma identidade nacional, disseminava-se cada vez mais os discursos saudosistas-tradicionistas. Contra essas mudanças sociais e a incontornável aceleração do tempo causada pela modernidade, a Ditadura Militar fez toda uma investida com o campo,

propondo a volta do modo de ser e de viver do campo. É nesse sentido que a política restauradora da Ditadura Militar destaca com grande orgulho a paisagem serrana do Alentejo, pedaço de terra árida e de natureza hostil onde ficam os símbolos tradicionalistas/regionalistas da Nação, onde ficam as charnecas e os campos adornados por olivais e vinhedos. A Ditadura Militar abre as cortinas do Alentejo para o mundo, dando palco para as figuras épicas e lendárias da região representarem, salientando não só a dignidade e identidade cultural dos alentejanos, mas, sobretudo, a grandeza que cercavam os montes do celeiro de Portugal. Com o principal intuito de compagnar os traços tradicionalistas do Alentejo à imagem do país, ressaltando não só a forma de viver, a religiosidade, mas também os artesanatos têxteis, as festas populares e a saborosa culinária alentejana, a Ditadura Militar passa a clamar a identidade Alentejana como patrimônio cultural da Nação.

Perante um contexto de profundas mudanças e tensões sociais, o ruralismo é, portanto, uma das facetas do posicionamento da Ditadura Militar, no sentido que o campo espelhava um ambiente tranquilo em meio a todos os males causados pela vida urbana e civilizada; o discurso do ruralismo se revestia de uma visão em que era afirmada uma pretensa harmonia social que Portugal precisava transparecer para legitimar suas verdadeiras virtudes antigas caracterizadas pelo cristianismo e as tradições culturais, minimizando a imagem de uma sociedade moderna conflitiva, suja e injusta, dirigida por sujeitos doentes e decadentes. O discurso saudosista do ruralismo foi uma estratégia não só para a exaltação da beleza da paisagem Alentejana, mas, sobretudo, para retomar a identidade original dos portugueses, recuperar os costumes e o cenário tradicional dos grupos sociais aristocráticos. Dessa forma, através de uma visão bucólica do campo, os poetas reintegravam o que seria uma temática literária genuinamente nacional, revivendo um passado rústico-patriarcal do regionalismo tipicamente característico do quinhentismo (PEREIRA:1983, 851-852).

Diante de um contexto de absoluta obscuridade nacional e de um profundo pessimismo derivado ainda da visão novecentista do país, muitos escritores contribuíram para reintegrar a identidade portuguesa. Assim como Florbela, vendo sua região tão estimada, berço da sua infância, ser paulatinamente esfacelada pelos flagelos da incerteza e da miséria, também assumiu determinadas atitudes. Não é por acaso que ela fez uma autoinvestidura do regionalismo tradicional, da mesma forma que não é inocente e gratuita sua contribuição para

a construção simbólica do Alentejo, acreditamos que suas posições está diretamente relacionada com sua trajetória de vida e, notadamente, com sua visão de mundo e disputas sociais.

Florbela Espanca foi uma poeta que expressou a saudade do seu Alentejo, uma saudade atravessada pelas suas experiências que não só perpassam o seu consciente, mas, sobretudo, sua dimensão inconsciente: memórias e sentidos que evocam o Alentejo. Certamente sua posição saudosista em relação ao Alentejo está diretamente ligada ao seu imaginário social, as formas que ela representava esse espaço, como ela sentia e aspirava essas paisagens de longínquas planuras, terra de pureza, integridade e hospitalidade, mas também de solidão, abandono e saudade. É neste espaço tradicional, marcado predominantemente pelo ruralismo, pela seara, pela charneca, pelo sequeiro, pelo olival e pelo trigo, que Florbela compôs sua trajetória de vida paralelamente a sua obra literária. Nos discursos de Florbela Espanca acerca do Alentejo é marcante uma polifonia de vozes saudosistas, seus discursos carregam consigo um ébrio, um vigor que pinta a região em tons saudosista.

*“Se a moça mais linda do povoado,
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sobre o ninho aconchegado
A benção do senhor em cada filho.*

*Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfazema e a tomilho...
Com o luar matar de sede o gado,
Dar às pombas o sol num grão de milho...*

*Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer á “terra da verdade”...*

*Meu Deus, daí-me esta alma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.”*

(ESPANCA, 2010: 100)

Florbela idealiza a vida cotidiana simples do campo, a interação recíproca entre o sujeito e a natureza, diviniza o campo como a “terra da verdade”, poetiza a vida tranquila, pacata, ingênua e pura do campo, uma vivência longe da maldade e das enfermidades das

grandes cidades. “Tudo é tranquilo, e casto, e sonhador... Olhando esta paisagem que é uma tela” (ESPANCA: 2009, 71). Florbela almeja uma vida sossegada e segura entre as paisagens bucólicas do campo, longe das mazelas, das doenças e das aflições da cidade.

*“Meio-dia. O sol a prumo cai ardente,
Doirando tudo... Ondeiam nos trigais
D’oiro fulvo, de leve... docemente...
As papoilas sangrentas, sensuais...*

*Andam asas nos ar; e raparigas,
Flores desabrochadas em canteiros,
Mostram, por entre o oiro das espigas,
Os perfis delicados e trigueiros...*

*Tudo é tranquilo, e casto, e sonhador...
Olhando esta paisagem que é uma tela”*

(ESPANCA, 2009: 71)

A imagem da terra alentejana é como um lugar onírico, simples e paradisíaco, onde o sol abraça o campo de trigo radiando uma cor acalentadora dos corações inquietos! Com palavras, Florbela representa coloridas pinceladas da paisagem alentejana, imagem evocativa da saudade, imagem contemplativa das almas sentimentais, absortas, como que sonhando um tempo passado.

Não é mera coincidência que Florbela Espanca é considerada até hoje a musa do Alentejo. Em suas poesias e contos, Florbela ressalta suas raízes, evocando sua linda e calma região, espelhando a alma alentejana cercada por seus prados, charnecas silvestres reluzentes sobre o crepúsculo do Alentejo, hora evocativa da saudade inebriada pelo aroma de suas ervas amargas. Florbela exalta a cultura e o artesanato de sua região, a tradicional tapeçaria, as rendas, as colchas e os bordados que animam o ambiente da casa alentejana. Ao longo de toda sua obra, Florbela Espanca assumi uma visível e incisiva identidade alentejana e, por fim, em seu último livro, *Charneca em Flor*, ela finalmente ocupa o lugar da própria alma saudosista alentejana - a alma regional tão valorizada pela ditadura -, já que a mesma fez uma autoinvestidura com a charneca e o provimento de sua obra nas raízes regionais.

Todo o período compreendido pela Ditadura Militar portuguesa foi marcada por uma incessante crise política e social, de fato, em um curto espaço de tempo de 7 anos, o país

testemunhou a ascensão e a queda de 45 governos, que terminaram por preparar o ambiente para a instalação da ditadura de Antônio de Oliveira Salazar, implantando o Estado Novo em 1933, com o intuito de reestabelecer uma ordem social tradicionalista provinda do passado. Após a queda da Primeira República, portanto, o Portugal sebastianista² e o Portugal restaurador tornaram-se referências para reencaminhar a Nação nos trilhos da glória e magnificência cultural e moral.

A alma lusitana assumiu o lugar da própria figura de Salazar, finalmente, o povo português achou o líder nacionalista para Portugal, o grande chefe que resgataria a moral para seu país, o dirigente tipicamente português que resgataria o pilar da tradição da família, de Deus e do Trabalho, aquele que resgataria a história de Portugal. O Estado Novo foi um espelho de um regime extremamente conservador, totalmente confiado às elites políticas provinciais e à Igreja Católica e, por isso, apostava na volta de um passado em que a ordem social era manipulada aos preceitos dessas instituições tradicionais. Esta última, por exemplo, teve um papel fundamental na formação de um tipo de pensamento autoritário do regime, pois coube à Igreja Católica manter Portugal o pequeno universo rural e familiar.

A ditadura Salazarista também teve o apoio do principal instrumento elaborador da política cultural do Estado Novo, o Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), que não só coordenou, mas, sobretudo, fomentou a imprensa do regime. O diretor do SPN, Antonio Joaquim Tavares Ferro³, um dos nomes mais importantes da política de propaganda da ditadura Salazarista, ofereceu um projeto cultural ao regime baseado na restauração dos valores da tradição, revitalizando o caráter etnológico e folclórico do país, o que Hobsbawm e Ranger chamaram de *A Invenção das Tradições*.

No entanto, entre as preocupações das políticas de propaganda, discutia-se como poderia interagir o passado português e suas tradições com a modernidade inexorável que se alastrava ao longo do século XX, sem que uma se esbarrasse contra outra. E, assim, com o

² O sebastianismo foi um movimento místico que se disseminou em Portugal na segunda metade do século XVI, traduzindo uma inconformidade com a situação política vigente e uma expectativa de salvação, ainda que miraculosa, através da ressurreição do Rei Dom Sebastião, que morrera na batalha de Alcácer-Kibir, lutando contra os mouros. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX, em um momento de grande descontentamento interno - de crise política, econômica, cultural e, inclusive, de identidade nacional -, o sebastianismo chegou a modernidade como um movimento saudosista, no sentido de reviver as glórias de um passado áureo, no sentido de impor a ordem e a estabilidade de um tempo passado.

³ Antonio Joaquim Tavares Ferro (1895 – 1956) foi um intelectual português modernista propagador do pensamento anti-liberal que defendeu um Estado intervencionista protetor das artes.

intuito de valorizar e reproduzir as memórias, os costumes e os hábitos portugueses, Antonio Ferro utilizou recursos e métodos modernos para mascarar conteúdos de viés tradicionalistas, vendendo imagens inovadoras de Portugal. Ainda que tenha predominado o tradicional em lugar desse moderno, o regime de Salazar soube equilibrar esses dois interesses conflitantes, procurando entender a modernidade portuguesa como uma (re)construção do passado. Parte expressiva do raciocínio Salazarista abolia radicalmente os projetos de modernidade ao individualismo liberal e, portanto, o regime tinha um caráter predominantemente nostálgico: ser moderno era voltar ao tempo. Foi, então, pela mediação modernista dada ao projeto nacional restaurador, maquiando o conservadorismo do chefe de Estado, que Antonio Ferro conseguiu recrutar intelectuais e artista para trabalharem a favor do regime e disseminarem a imagem da pátria lusitana.

No ponto de vista da ditadura de Salazar, passado e futuro encontravam-se em permanente em enlaces: o futuro deveria estar diretamente relacionado com o passado, com sua história e suas tradições. O pensamento do Estado Novo português investiu, portanto, na reinvenção do imaginário nacionalista para, assim, comungar o espírito patriótico-ufanista lusitano, defendendo perspectivas conservadora e tradicionalista voltados para um passado grandioso. O desafio da ditadura era, então, conservar a grande história do passado épico português em seu pequeno mundo, conservar seu mundo católico e camponês. A vocação portuguesa na modernidade deveria ser construída a partir dos valores predominantemente “endógenos” (ROCHA, 2003: 36) a partir dos valores que estavam no seio, no centro e no coração da Nação; a imagem do país deveria ser construída a partir das suas raízes, de suas descendências e do seu berço cultural.

Pensando dessa maneira, acreditamos que a experiência de Florbela Espanca com o Alentejo vai muito além dos aspectos funcionais e pragmáticos dados pela Ditadura de Salazar, acreditamos que para Florbela o Alentejo é muito mais que um sistema de uso agro-silvo-pastoral ou objeto de exportação da cultura tradicional de Portugal, a região alentejana está atravessada por suas memórias e experiências individuais, atravessada por suas subjetividades mais profundas, há uma compreensão e reflexão para além da relação entre o inconsciente e o tempo vivido pela poeta.

A imagem e poética de Florbela ficou tão enraizado com o Alentejo que, posteriormente a morte da poeta, foi oferecido a cidade de Évora um busto em sua homenagem, esculpido por Diogo de Macedo, que teve negada a sua instalação no Jardim Público, pois sofreu contestações por parte dos sectores mais conservadores da cidade, alegando que Florbela não era mulher para ser homenageada, devido ao péssimo exemplo da sua vida privada. Sua imagem foi vetada pela ditadura salazarista por não aceitar que a região do Alentejo, tradicional, tivesse como espelho, como musa, a imagem de Florbela, pois seria uma contraversão aos princípios morais do país já que Florbela foi tomada como o anti-modelo do feminino para o salazarismo, pois ela não só questionava a condição feminina imposta pelos padrões tradicionais, mas, sobretudo, ela rompia com os papéis sociais históricos conferidos a mulher.

Destarte, acreditamos que para Florbela, a literatura consiste um ato de criação do Fora da linguagem formalizada: uma ação criadora, por onde perpassam todas suas subjetividades explosivas, por onde transcorrem suas abstrações, seus desejos e deleites. Ao adentrar nas dimensões conscientes e inconscientes de Florbela, ao adentrar nos mundos que ela fundou a partir dos seus sonhos e desejos, vislumbramos uma construção simbólica do Alentejo muito peculiar; uma narrativa singular acerca do Alentejo, instituído pelas suas experiências, pela sua imaginação, criação, escrita, escritura e escrituração.

Acreditamos que a literatura em Florbela é uma ruptura com os sistemas de significação estabelecidos, quer dizer, quando as palavras se ascendem, os significados e significantes se rompem e o mundo é permanentemente criado, pode ser pura ficção de Florbela que não mais tem relação com o mundo conhecido, mas sim, atrelado com seu mundo criado em sua literatura do Fora; Florbela imagina, escreve e cria mundos que vem a ser através da invenção inconsciente da linguagem que se expressa por si. Sua poética é o levantamento da voz da vida, poesia que clama o furor de tornar a existência mais viva, fonte de paixão pulsante que emerge das cinzas esmaecidas e inebria as intensidades potenciadas de suas subjetividades. A vida e a poética do tempo e do espaço que move a força criativa da cultura.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. As sombras do tempo: a saudade como maneira de viver e pensar o tempo e a história. In: Marina HaizenrederErtzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). *História e Sensibilidade*. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

_____. *A hora da estrela: história e literatura, uma questão de gênero?* In; *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

_____. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2 Ed. São Paulo: Cortez; Recife: Massangana, 2001.

_____. *Achegas de Saudade: as condições históricas de emergência de consciências e sensibilidades saudosistas no Brasil e em Portugal entre o final do século XIX e meados do século XX*. Projeto de pesquisa, CNPQ, 2009.

_____. *Nos destinos de fronteira: História, espaço e identidade regional*. Recife: Bagaço, 2008.

ALEXANDRIA, Maria. *A vida ignorada de Florbela Espanca*. [S.I]: [S.N], 1964.

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. São Paulo, 2.Ed. Martins Fontes, 2008.

BLANCHOT, Maurice. *El espacioliterario*. Madri: Editora Nacional, 2002.

BORGES FILHO, Ozíris; BARBOSA, Sifney. *Poéticas do espaço Literário*. São Carlos, SP: Editora Claraluz, 2009.

CATROGA, Fernando. *O Republicanismo em Portugal: da formação ao 5 de outubro de 1910*. 3 ed. Coimbra: Casa das Letras, 2010.

_____. O Republicanismo Português: cultura, história e política. *Revista Faculdade de Letras*. Porto: II Série, vol. 11. 2010. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9008.pdf>>. Acesso em: 15 de Abril de 2012.

_____; Mendes, José Amado; Torgal, Luís Reis. *História da história em Portugal: século XIX – XX*. Vol. II. Lisboa: Temas e Debates. 1998.

CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço. In: *A invenção do cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro; Vozes, 1994.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos. *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

COSTA, Sueli Aparecida da. A poética do Espaço. *Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário* Disponível em: <<http://www.cei.unir.br/res9.html>>. Acesso em: 30 de novembro de 2012.

COVA, Anne; PINTO, António Costa. O salazarismo e as mulheres: uma abordagem comparativa. *Penélope: Gênero, discurso e guerra*, Portugal: n. 17, 1997. Disponível em: <dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/2656445.pdf>. Acesso em: 12 de Jun, 2012>. Acesso em: 30 de novembro de 2012.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Afinado Desconcerto: contos, cartas diário*. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

ESPANCA, Florbela. *As Magoas do Destino*. São Paulo Martin Claret. 2009

_____. *O Dominó Preto*. São Paulo Martin Claret, 2010.

_____. *Trocando Olhares*. São Paulo: Martin Claret, 2009.

_____; MARCIEL, Laury (prefaciador). *Poesia de Florbela Espanca*. V.2. Porto Alegre: L&PM, 2008.

_____; RÉGIO, José (prefaciador) *Sonetos*. 15ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____; TORRES, Maria Ester (prefaciador). *Sonetos*. 4ed. Portugal: Publicações Europa-America, [S.D].

_____. *Diário do Último ano*. Portugal: Livraria Bertrand, [S.D]

ESSA-LUÍS, Agustina. *Florbela Espanca: Vida e Obra*. [S.I]: Arcádia, [S.D].

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GIROTTI, Nara Lúcia. *Blanchot, Foucault e Deleuze: convergências entre a palavra literária, a experiência do Fora e o impensado*. Disponível em:

<http://www.unisc.br/portal/images/stories/mestrado/letras/coloquios/ii/convergencias_palavra_literaria.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2012.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (orgs.). *A invenção das tradições*. 3ª ed.. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

LEÃO, Costa. *Poetas do Sul*: Bernardo de Passos e Florbela Espanca. Lisboa: Portugalia Editora, [S.D].

MARTINHO, Francisco Carlos Polamanes. O Pensamento Autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. *Revista de História*, Juiz de Fora: v. 13, n. 2, p. 9-30, 2007. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/locus/files/2010/02/15.pdf>>. Acessado em: 28 de novembro de 2012.

PAULA, Marcelo Ferraz de. Saudade e saudosismo: Ressonâncias do passado na poesia de Álvaro de Campos e Augusto Cassimiro. *Revista Odisseia*, Natal: Julho, ed. 4, Dezembro 2009. Disponível em: <<http://ebookbrowse.com/revista-odisseia-n4-art3-marcelo-ferraz-de-paula-pdf-d122022222>>, Acesso em: 2 jun. 2012.

PEREIRA, José Carlos Seabra. Tempo neo-romântico: contributo para o estudo das relações entre literatura e sociedade no primeiro quartel do século XX. *Análise Social*, Coimbra: vol. XIX, 1983. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465403P1vCN9sm4Fg38TM1.pdf>>. Acesso em: 7 jun. 2012.

ROCHA, Clara. A memória literária da ditadura: autoridade, identidade e liberdade. *Ipotesi - Juiz de Fora*, v.7, n.2, jul/dez.2003. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaipotesi/files/2011/05/3-A-mem%C3%B3ria-liter%C3%A1ria-da.pdf>>. Acesso em: 29 de novembro de 2012.